

PERCEPÇÕES DE JOVENS SOBRE AS DIFICULDADES DE EMPREENDER E DESENVOLVER AS PROPRIEDADES RURAIS DE AGRICULTURA FAMILIAR

Cristina Keiko Yamaguchi¹

Ney Kassiano Ramos²

Vanessa Silva³

Letícia Gracietti⁴

Resumo

Este artigo objetivou entender as percepções dos jovens empreendedores da área rural sobre as dificuldades em investir nas propriedades familiares em que trabalham. As entrevistas foram realizadas com 98 pessoas, no evento “Encontro de Jovens Empreendedores do Meio Rural Catarinense: o jovem rural protagonizando o desenvolvimento sustentável”, ocorrido em maio de 2019. Um breve embasamento teórico é apresentado para facilitar o entendimento dos resultados e a sua relação com a agricultura familiar, o empreendedorismo e a sua realidade no Brasil. Como resultado, foram apontadas a questão econômica com 34% dos casos, como dificultador para empreender nas propriedades rurais, seguida pela falta e a pouca qualificação da mão de obra disponível com 12,6% dos casos e o baixo preço de venda para o produtor com 7,6% dos casos.

Palavras-chave: *agricultura familiar; empreendedorismo; jovem empreendedor.*

Abstract

This article aims to understand the perceptions of young rural entrepreneurs about the difficulties in investing in the family farms in which they work. Ninety-eight people were interviewed at the event "Meeting of Young Entrepreneurs of the Rural Environment of Santa Catarina: the rural youth leading the sustainable development", held in May 2019. A brief theoretical background is presented to facilitate the understanding of the results and their relation to family farming, entrepreneurship and its reality in Brazil. As a result, the economic issue was pointed out with 34% of the cases, as a hinder to undertake in rural properties, followed by the lack and low qualification of the workforce available with 12.6% of the cases and the lower selling price for the producer with 7.6% of the cases.

Keywords: *family farming; entrepreneurship; young entrepreneur.*

¹ Doutora em Engenharia e Gestão do Conhecimento. Docente do Programa de Pós-Graduação em Ambiente e Saúde – PPGAS da Universidade do Planalto Catarinense – UNIPLAC – Lages – SC e do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento e Sociedade – PPGDS da Universidade Alto Vale do Rio do Peixe – UNIARP – Caçador - SC – Brasil. E-mail: criskyamaguchi@gmail.com

² Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Ambiente e Saúde – PPGAS da Universidade do Planalto Catarinense – UNIPLAC – Lages – SC - Brasil. E-mail: kassiano@gmail.com

³ Graduanda do Curso de Ciências Contábeis da Universidade do Planalto Catarinense – (Uniplac) Lages – Brasil. E-mail: vaanessasilva2001@gmail.com

⁴ Graduanda do curso de Odontologia da Universidade do Planalto Catarinense – (Uniplac) Lages – Brasil. E-mail: gracietti1@gmail.com

1 INTRODUÇÃO

A agricultura familiar é caracterizada por um sistema onde o gerenciamento da propriedade é exercido pelo produtor e a mão de obra é predominantemente familiar. Esse sistema vem ganhando grande importância no cenário nacional nos últimos anos, pois, segundo Picolotto (2014), está relacionado com o desenvolvimento sustentável, geração de emprego e renda, segurança alimentar e desenvolvimento local, sendo considerado um modelo mais proveitoso social, econômico e ambientalmente em relação ao modelo de agricultura patronal.

Esta área também se vale do conceito de empreendedorismo, que é tido como a união de competências e habilidades de reconhecer as oportunidades e, conseqüentemente criar algo, objetivando um bom desenvolvimento econômico e a valorização social (Mocelin and Azambuja 2019). Criar empresas, inovar processos ou produtos organizacionais é decorrente, em grande parte de empreendedores, pois esse perfil de pessoas foca nas necessidades impostas pelo mercado atual, observando as tendências e explorando novas oportunidades (Mocelin and Azambuja 2019).

Atualmente, com a globalização e o desenvolvimento tecnológico mais difundido e, conseqüentemente, um mercado cada vez mais disputado, é mais do que necessário empreender em todas as esferas para manter-se competitivo no mercado, inclusive na agricultura familiar.

O Brasil é um país jovem (IBGE 2018), e, por isso, o número de jovens empreendedores vem aumentando cada vez mais. De acordo com Bulgacov et al. (2011), culturalmente essa classe entra no mercado de trabalho mais cedo, se comparado a países desenvolvidos, para garantir sua sobrevivência e formação, e por isso os jovens veem o empreendedorismo como oportunidades e muitas vezes por necessidade.

Por outro lado, sabe-se que empreender no Brasil não é uma tarefa fácil: entre as maiores dificuldades estão a falta de “políticas governamentais e programas”, “apoio financeiro”, “contexto político e crise econômica” entre outros (Global Entrepreneurship Monitor 2017).

Sabendo da importância do empreendedorismo na agricultura familiar, buscou-se conhecer as dificuldades para empreender na agricultura familiar, na percepção de jovens empreendedores rurais. Diante disso, este estudo visa responder à seguinte questão: **quais as dificuldades para empreender e desenvolver as propriedades rurais de agricultores familiares, na percepção de jovens empreendedores rurais?**

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 AGRICULTURA FAMILIAR

A importância da agricultura familiar no desenvolvimento brasileiro se tornou tema de discussão nos últimos anos. Guanziroli and Cardim (2000) destacam sua forte relação com o desenvolvimento sustentável, geração de emprego e renda, segurança alimentar e desenvolvimento local. O aumento do número de agricultores assentados pela reforma agrária, bem como a criação do Pronaf (Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar) em 1996, com a finalidade de fornecer crédito agrícola e apoio institucional à pequenos produtores rurais, também são questões que fomentam este debate na sociedade.

Para (Guanziroli and Cardim 2000), a agricultura familiar pode ser definida como um conceito que contempla as seguintes condições simultaneamente: “a direção dos trabalhos do estabelecimento é exercida pelo produtor; o trabalho familiar é superior ao trabalho contratado.” Com isso, percebe-se que para ser caracterizada como tal, além do gerenciamento da propriedade ser feito pela família, é preciso que a mão de obra usada na propriedade seja quase que exclusivamente familiar (Deimling et al. 2015). Isso faz com que o modelo seja considerado mais proveitoso social, econômico e ambientalmente (por ser mais democrático, eficiente e sustentável) em relação ao modelo de agricultura patronal (Picolotto 2014).

No Brasil, a agricultura familiar é uma expressão relativamente nova, destacando-se à partir de meados da década de 1990, ou seja, tardiamente, se comparado à países desenvolvidos (Schneider 2003). Para (Picolotto 2014), a construção dessa categoria no Brasil ocorreu por “um conjunto de experiências, reflexões e iniciativas de diversos atores”. Quando passou a ser objeto de políticas específicas do Estado e trabalhos acadêmicos, ganhou valorização de órgãos dele e as organizações sindicais do campo a adotaram como identidade política. Dessa maneira, a complementaridade entre pesquisas acadêmicas, agências estatais e internacionais e as ações de reivindicação do sindicalismo colocou o agricultor familiar no topo das ações de desenvolvimento rural na época (Picolotto 2014).

Pode-se dizer que a agricultura familiar possui contextos e interpretações diferentes conforme a localização, cultura, desenvolvimento e outros fatores sociais. Há lugares em que é reconhecida, bem desenvolvida e faz parte da economia de mercado, em outros, continua sendo arcaica e de subsistência, além de não possuir incentivo, muitas vezes pelo fato de o “agricultor familiar” ainda estar ligado à imagem de desfavorecido e menosprezado (Lamarche 1993). Os principais protagonistas para modificar essa visão foram/são as organizações sindicais rurais, desde o processo de incorporação da agricultura familiar como identidade política. A condição de inferioridade social referida aos pequenos produtores deve ser vencida, restabelecendo-os

socialmente e politicamente como personagens e participantes ativos do mundo contemporâneo e do desenvolvimento (Picolotto 2014).

2.2 EMPREENDEDORISMO

O empreendedorismo é considerado a união de competências e habilidades de reconhecer as oportunidades e, conseqüentemente criar algo. Este inicia-se a partir de limitado capital e expectativa de obter ganhos, objetivando um bom desenvolvimento econômico e a valorização social (Gomes and Silva 2018; Mocelin and Azambuja 2019).

A iniciativa de criar uma empresa, inovar processos ou produtos organizacionais, é decorrente em grande parte de empreendedores. Estes decidem agir somente quando ocorre a oposição, conseqüente de obrigações impostas pela situação ao qual se encontra. Focando nas necessidades impostas pelo mercado atual e domínios técnicos, observando as tendências e explorando novas oportunidades no ambiente (Mocelin and Azambuja 2019; Souza et al. 2013)

No Brasil, o empreendedorismo vem ganhando espaço, se tornando um propulsor da economia e desenvolvimento demográfico e, por isso, é considerada uma ferramenta com a capacidade de criar emprego e renda para a população, além de ofertar novos produtos e estimular a criação de pequenos negócios para a representação local (Barros and Moreira 2004).

2.3 DIFICULDADES DE EMPREENDER NA AGRICULTURA FAMILIAR

A agricultura familiar brasileira vem se modificando com o tempo, além de se adaptar às mudanças socioeconômicas decorrentes do aumento do loteamento urbano nos últimos anos, intensificando a desigualdade social entre cidade e o campo (Tomei, Alves, and Souza 2014). Conseqüentemente, segundo estes autores, “a concentração da maior parte da população brasileira nas áreas metropolitanas têm levado os meios de comunicação e estudiosos a dar pouco destaque ao que ocorre no meio rural”, o que acaba por rebaixar a qualidade da vida nestas áreas. Como consequência há uma menor quantidade de trabalhadores qualificados para auxiliar em atividades específicas na propriedade, ou menor procura por essa área de forma geral.

O termo Empreendedorismo Rural começou a ser utilizado com maior frequência recentemente, todavia não é considerado uma expressão nova. Bernardo, Ramos, and Vils (2019) consideram aquele que executa atividades no meio rural Agricultor Familiar e

Empreendedor Familiar Rural, tendo a capacidade de gerar fonte de renda em uma perspectiva de desenvolvimento do setor agrícola.

Ao observar o contexto brasileiro, Tomei, Alves, and Souza (2014) afirmam que barreiras existentes dificultam a transformação do Agricultor Familiar em Empreendedor Rural, ressaltando que os aspectos viventes nas propriedades rurais se tornam progressivamente competitivos, o aumento de desafios e exigências são diários.

3 METODOLOGIA

Trata-se de um estudo de características qualitativas e quantitativas, de cunho descritivo e exploratório, buscando aprofundar o entendimento da questão através de pesquisas bibliográficas, análise de material já publicado sobre este mister e assim compondo a fundamentação teórica (Fontenelles et al. 2009). Em relação à pesquisa, foi de levantamento de dados socioeconômicos e descritiva, que é utilizada normalmente quando se tem a intenção de tornar um fenômeno inteligível, justificando seus motivos e quais os fatores que o contemplam (Vergara 2009). Esta pesquisa foi realizada na Universidade do Planalto Catarinense (UNIPLAC), no mês de março de 2019, com os participantes do evento “Encontro de Jovens Empreendedores do Meio Rural Catarinense: o jovem rural protagonizando o desenvolvimento sustentável”, que responderam a um questionário com questões que buscaram levantar seus dados socioeconômicos e as suas percepções sobre os assuntos tratados neste artigo.

Os dados foram tabulados e analisados no programa QDA Miner Lite, um *software* indicado para a extração de conteúdos em transcrições de discursos e entrevistas, direcionado para análise dados de modo qualitativo e quantitativo (Lewis and Maas 2007). Por meio desse programa, foi possível identificar nas falas as informações e as percepções dos jovens sobre a sua relação com o empreendedorismo nas propriedades rurais familiares em que estão inseridos.

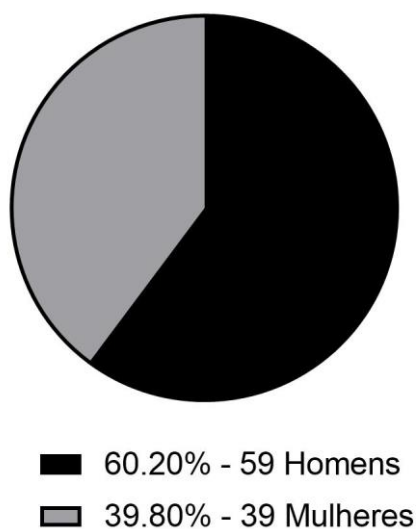
4 DISCUSSÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS

4.1 CARACTERIZAÇÃO DOS PARTICIPANTES

Os dados socioeconômicos dos participantes são resumidos abaixo, com um breve relato caracterizando os seus perfis para um melhor entendimento dos resultados.

Em relação ao gênero dos integrantes, a sua distribuição não segue de acordo com o padrão nacional (IBGE 2018), de, normalmente, 52,3% de mulheres e 47,7 de homens, como demonstrado no gráfico 1.

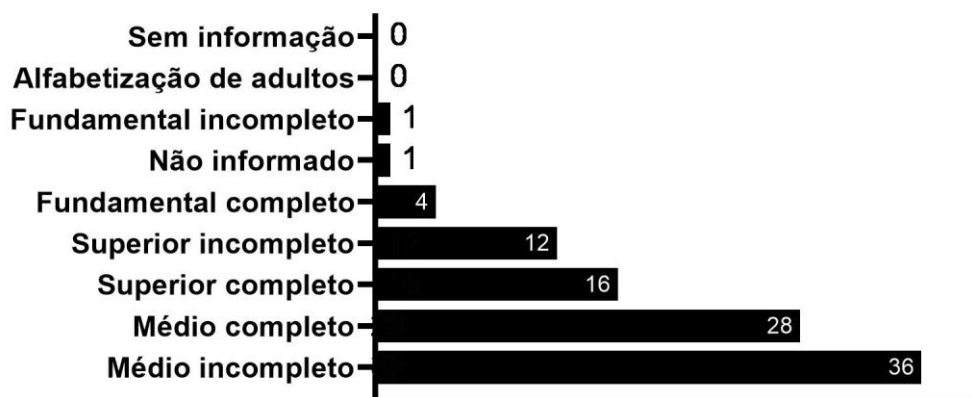
Gráfico 1 - Gênero dos participantes



Fonte: dados da pesquisa

A maioria dos entrevistados declara que possuem o ensino médio incompleto (36,7%), seguindo o esperado em relação à sua média de idade, visto que a pesquisa foi realizada em um grupo de jovens empreendedores, com um total de 18 homens e 18 mulheres. Mais detalhes sobre estes dados foram incluídos no gráfico 2.

Gráfico 2 - Escolaridade dos participantes



Fonte: dados da pesquisa

Acompanhando a tendência nacional para o ano de 2018 (OECD 2018), 16,3% dos entrevistados afirmam ter completado um curso de nível superior.

A média de idade dos participantes foi de 19 anos e o valor mais frequente como sendo o de 17 anos (moda). A média de idade de homens e mulheres foi semelhante, com 22,5 e 21,3 anos, respectivamente.

As 6 cidades mais citadas, como sendo de origem dos pesquisados, estão disponíveis na tabela 1, de um total de 20 municípios da região serrana de Santa Catarina.

Tabela 1 – Cidades de origem

Cidade	Origem
Campo Belo do Sul	16
Bocaina do Sul	12
Palmeira	11
Lages	8
Anita Garibaldi	7
Abdon Batista	6

Fonte: dados da pesquisa

As culturas mais comuns em suas propriedades de origem estão relacionadas na tabela 2, logo abaixo, com o milho e a pecuária como as principais ocupações.

Tabela 2 – Tipos de cultura

Cultura	Citações
Milho	55
Pecuária	30
Feijão	26
Soja	20
Pastagem	11
Hortaliças	8
Maçã	7

Fonte: dados da pesquisa

4.2 DIFICULDADES PARA EMPREENDER

Buscando os dados para responder à questão base deste trabalho, um dos tópicos que o questionário tentou elencar foi quais as principais dificuldades em empreender na propriedade rural, na visão dos jovens que participaram da pesquisa. Os resultados da análise dos discursos estão disponíveis na tabela 3.

Tabela 3 - Dificuldades em empreender

Classe	Código	Ocorrências	Porcentagem
Dificuldades\Financeiras	Econômica	15	10,40%
Dificuldades\Financeiras	Preço final baixo	11	7,60%
Dificuldades	Falta de conhecimento técnico	11	7,60%
Dificuldades\Financeiras	Implementos caros	11	7,60%
Dificuldades\Financeiras	Alto custo de produção	10	6,90%
Dificuldades\Mão de Obra	Falta de mão de obra	9	6,30%
Dificuldades	Falta de apoio do governo	8	5,60%
Dificuldades	Baixa qualidade das estradas	8	5,60%
Dificuldades	Falta de mercado	7	4,90%
Dificuldades\Mão de Obra	Mão de obra cara	7	4,90%
Dificuldades	Desvalorização da agricultura	7	4,90%
Dificuldades\Financeiras	Crédito	5	3,50%
Dificuldades\Financeiras	Financiamento	4	2,80%
Dificuldades\Financeiras	Insumos caros	4	2,80%
Dificuldades	Conectividade na área rural	4	2,80%
Dificuldades	Falta de cooperativismo	3	2,10%
Dificuldades\Financeiras	Burocracia	3	2,10%
Dificuldades\Meio-ambiente	Pragas	2	1,40%
Dificuldades\Leis	Ambientais	2	1,40%
Dificuldades	Serviço é pesado	2	1,40%
Dificuldades\Mão de Obra	Falta de mão de obra qualificada	2	1,40%
Dificuldades	Comunicação com os pais	2	1,40%
Dificuldades\Meio-ambiente	Enchente	2	1,40%
Dificuldades\Meio-ambiente	Fatores climáticos	2	1,40%
Dificuldades\Financeiras	Impostos altos	1	0,70%
Dificuldades	Divulgação	1	0,70%
Dificuldades\Financeiras	Alto custo de manutenção	1	0,70%

Fonte: dados da pesquisa

Em primeiro lugar, as dificuldades “econômicas” foram mencionadas (34% dos comentários) como as que mais dificultam o desenvolvimento das propriedades rurais. Esta aparenta englobar outras razões, citadas em outras partes dos discursos, como o “crédito”, “financiamento”, “implementos caros” e o “alto custo de “produção” e/ou “manutenção”, que acreditamos poder serem agrupados em uma mesma classe de problemas para o produtor, se revelando como a principal queixa, ou seja, de ordem econômica.

A dificuldade em se conseguir “mão de obra qualificada” (12,6%), aliada à sua escassez e ao seu alto custo, também citados largamente nas respostas como problemas,

evidenciam a dificuldade em conseguir pessoal para o trabalho no campo, talvez causada pela evasão dos jovens do meio rural e com o consequente encarecimento do soldo daqueles que se sustentam através deste trabalho.

Dessa maneira, o “preço final baixo” dos produtos no momento da comercialização ficou em terceiro lugar em frequência nos comentários (7,6%), trazendo a noção da dificuldade de assim se conseguir lucro e ter a manutenção da vida no campo.

A “falta de conhecimento técnico” surge, em terceiro lugar, em comentários sobre a dificuldade em se conseguir informações relacionadas ao manejo da terra, pastagens, aprofundamento dos conhecimentos sobre a agricultura familiar e na produção, o que impacta na capacidade de auto sustentação do negócio.

Narrativas como o sentimento de “falta de apoio do governo” e sensação de “desvalorização da agricultura” demonstram a visão do jovem produtor sobre como a sociedade e os poderes estabelecidos os veem, aparecendo em quinto lugar. Nota-se aqui a necessidade de políticas públicas mais presentes e de valorização do meio de produção rural familiar, que visem ações em toda a cadeia de cultivo.

E finalmente, nesta análise das questões que mais afetam a capacidade de empreender nas propriedades rurais pesquisadas, a “baixa qualidade das estradas” foi relacionada com a dificuldade do escoamento da produção e o recebimento de insumos.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo buscou revelar as principais dificuldades que os jovens inseridos na realidade da agricultura familiar percebem em suas tentativas de empreender. Através do questionário utilizado notou-se que a principal queixa é a de ordem econômica, agrupando, além desta, citações como “falta de crédito”, “financiamento”, “implementos caros” e o “alto custo de produção” e “manutenção”, em 34% das vezes. O problema para se conseguir mão de obra barata e qualificada emerge em 12,6% dos casos e o baixo preço de seus produtos no momento da venda foi comentado por 7,6% dos entrevistados. Ainda se nota a necessidade de maior treinamento técnico para as lidas do campo, a noção de que os jovens sentem falta de apoio do governo e dos órgãos responsáveis e de que a baixa qualidade das estradas dificulta o recebimento de insumos e o escoamento correto e ágil da produção.

AGRADECIMENTOS

Universal MCTIC/CNPq n.º 28/2018. Fundação de Amparo à Pesquisa e Inovação do Estado de Santa Catarina – FAPESC.

REFERÊNCIAS

- Barros, Francisco Sávio de Oliveira, and Maria Vilma Coelho Moreira. (2004). “O Comportamento Empreendedor e Suas Implicações: A Organização Produtiva de Micro e Pequenas Empresas No Turismo.” <http://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1002/cbdv.200490137/abstract>.
- Bernardo, Evelyn Gomes, Heidy Rodriguez Ramos, and Leonardo Vils. (2019). “Panorama Da Produção Científica Em Empreendedorismo Rural: Um Estudo Bibliométrico.” *REGEPE - Revista de Empreendedorismo e Gestão de Pequenas Empresas* 8(1): 102–25.
- Bulgacov, Yara Lucia M et al. (2011). “Jovem Empreendedor No Brasil: A Busca Do Espaço Da Realização Ou a Fuga Da Exclusão?” *Revista de Administração Pública* 45(3): 695–720. http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-76122011000300007&lang=pt.
- Deimling, Moacir Francisco et al. (2015). “Agricultura Familiar e as Relações Na Comercialização Da Produção.” *Interciencia* 40(7): 440–47.
- Fontenelles, Mauro José, Marilda Garcia Simões, Samantha Hasegawa Farias, and Renata Garcia Simões Fontenelles. (2009). “Metodologia Da Pesquisa Científica: Diretrizes Para a Elaboração de Um Protocolo de Pesquisa.” : 7. http://www.ema.europa.eu/docs/en_GB/document_library/Scientific_guideline/2009/10/WC50004908.pdf.
- Global Entrepreneurship Monitor. (2017). *Empreendedorismo No Brasil. Relatório Executivo 2017*.
- Gomes, Danilo Cortez, and Luciano Alexandre De Farias Silva. (2018). “Educação Empreendedora No Ensino Profissional: Desafios e Experiências Numa Instituição de Ensino.” *Holos* 1: 118–39.
- Guanziroli, Carlos Enrique, and Silvia Elizabeth de C. S. Cardim. (2000). “Novo Retrato Da Agricultura Familiar: O Brasil Redescoberto.” *INCRA/FAO*: 74.
- IBGE. (2018). “PNAD-Contínua.” *Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua*. <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/trabalho/17270-pnad-continua.html> (May 28, 2018).
- Lamarche, Hugues. (1993). *A Agricultura Familiar: Comparação Internacional*. ed. UNICAMP. Campinas.
- Lewis, R. Barry, and Steven M. Maas. (2007). “QDA Miner 2.0: Mixed-Model

Qualitative Data Analysis Software.” *Field Methods* 19(1): 87–108.
<http://journals.sagepub.com/doi/10.1177/1525822X06296589>.

Mocelin, Daniel Gustavo, and Lucas Rodrigues Azambuja. (2019). “Empreendedorismo Intensivo Em Conhecimento: Elementos Para Uma Agenda de Pesquisas Sobre a Ação Empreendedora No Brasil.” *Sociologias* 19(46): 30–75.

OECD. 2018. *Education at a Glance*. (2018): *OECD Indicators*. OECD Publishing, Paris.
https://www.oecd-ilibrary.org/education/education-at-a-glance-2018/summary/slovak_ca3ef445-sk.

Picolotto, Everton Lazzaretti. (2014). “Os Atores Da Construção Da Categoria Agricultura Familiar No Brasil.” *Revista de Economia e Sociologia Rural* 52: 65–83.

Schneider, Sérgio. (2003). “Teoria Social, Agricultura Familiar e Pluriatividade.” *Revista Brasileira de Ciências Sociais* 18(51).

Souza, Eda Castro Lucas de, Gumersindo Sueiro Lopez Junior, Antônio Cezar Bornia, and Luciano Ricardo Rath Alvez. (2013). “Atitude Empreendedora: Validação de Um Instrumento de Medida Com Base No Modelo de Resposta Gradual Da Teoria Da Resposta Ao Item.” *RAM. Revista de Administração Mackenzie* 6776: 230–51.
http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1678-69712013000500009&lang=pt.

Tomei, Patricia Amelia, Daniela Arantes Alves, and Alceu Souza. (2014). “Análise Das Barreiras Que Dificultam a Transformação Do Agricultor Familiar Em Empreendedor Rural No Contexto Brasileiro.” *Revista Ibero-Americana de Estratégia - RIAE* 13(3): 107–22.

Vergara, Sylvia Constant. (2009). *Projetos e Relatórios de Pesquisa Em Administração*. 2nd ed. São Paulo: Atlas.